
Um ídolo calcolítico em pedra encontrado na Serra da Preguiça (Sobral da Adiça, Moura)

ANTÓNIO M. MONGE SOARES¹
FERNANDO REAL²

R E S U M O O artefacto, objecto deste pequeno artigo, foi encontrado descontextualizado na Serra da Preguiça (Sobral da Adiça, Moura). Paralelos estreitos, principalmente os provenientes da região de Huelva, levam a considerá-lo como um ídolo, a que se pode atribuir uma cronologia dentro do Calcolítico.

A B S T R A C T The study of an artifact found in the southern Portugal, at the region of Moura (Serra da Preguiça), is the purpose of this paper. Although its exact archaeological context is unknown, some straight parallels from the region of Huelva (southern Spain) point to a symbolic character to the artifact and to a chronology within the Chalcolithic Period.

1. Introdução

O artefacto objecto deste pequeno artigo foi encontrado, por puro acaso, há já alguns anos, pelo Eng. Francisco Borges, na Serra da Preguiça, na vertente leste, no seu sector sul, não muito longe da nascente de água do Gargalão (freguesia de Sobral da Adiça, concelho de Moura) (Fig. 1). Trata-se de um cilindróide em pedra, com o aspecto de um queijo, profusamente decorado naquela que poderemos considerar como face superior e na superfície lateral, enquanto que a face inferior, plana, não apresenta qualquer decoração. A decoração, gravada, encontrava-se, em grande parte, obliterada por um sedimento argiloso vermelho, ferruginoso, cor de sangue, que preenchia os traços gravados. No entanto, o brilho “aurífero” de minerais constituintes da rocha de que é feito o artefacto chamou a atenção do achador. A base, felizmente não decorada, foi objecto de um polimento mecânico recente que não lhe causou danos de maior.

O artefacto, desde a sua descoberta, tem permanecido inédito, guardado nas instalações da Herdade dos Lameirões (Safara), onde o Eng. Francisco Borges exerce as suas funções de responsável por aquela herdade estatal, bem como pela do Metum (Sobral da Adiça), também estatal, e que estrema com aquela.

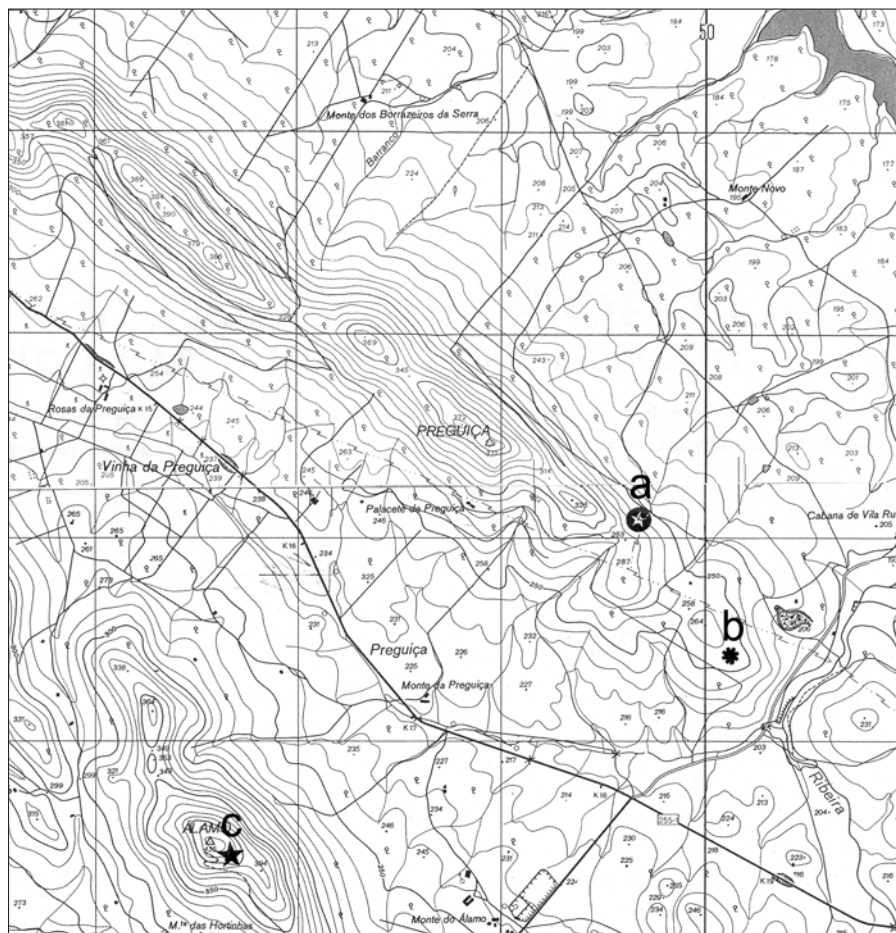


Fig. 1 Localização aproximada do sítio onde foi encontrado o artefacto ideotécnico (a), bem como as localizações do monumento megalítico do Álamo (b) e do sítio de habitat do Álamo (c). Base cartográfica: Carta Militar de Portugal, Esc. 1:25 000, Folhas 524 e 513, Serviços Cartográficos do Exército, 1992 e 1989, respectivamente.

2. O artefacto

2.1. O material

Através do exame macroscópico do artefacto é possível elaborar acerca do mesmo as seguintes considerações de índole geológica:

- i) É feito de uma rocha de natureza basáltica, com uma textura porfírica, de cor escura, cinzento-esverdeada, e de aspecto compacto. Algumas manchas avermelhadas superficiais devem-se às argilas vermelhas da Serra da Preguiça, onde o artefacto foi encontrado.
- ii) A rocha é constituída por elementos ferromagnesianos (piroxenas e anfíbolos) e, daí, ser pesada. Os fenocristais dos minerais escuros preenchem uma massa afanítica. São esses minerais, a que os geólogos chamam “lamprófiros” (do grego *lampros*, brilhante), que, sendo muito ricos em palhetas de biotite, lhe dão um brilho aurífero, quando essas palhetas são expostas à luz solar.

iii) Este tipo de rochas vulcânicas aflora, habitualmente, em diques ou em outras estruturas filonianas, perceptíveis no terreno pela morfologia do relevo, em formações do Câmbrico, na região de Ficalho/Adiça. Apesar da sua origem, apresentam, normalmente, uma composição mineralógica análoga à da massa rochosa principal onde se localizam.

2.2. A decoração

O artefacto encontra-se quase completo, faltando-lhe, apenas, duas lascas na superfície cilíndrica, junto às bases (Fig. 2). Foi totalmente polido. Enquanto que uma das bases, que se poderá considerar como a inferior (onde assentaria), se encontra lisa, sem qualquer decoração, a superior ou do topo, com um raio de *ca.* 40 mm (idêntico ao da base inferior), apresenta um sulco ou canelura diametral de secção ovalada, muito bem polida, de profundidade variável entre os 9 e os 13 mm e com uma largura, na intersecção com a face plana, de cerca de 20 mm. Esta canelura, elemento comum, como veremos, a todos os paralelos mais próximos para este artefacto, é ligeiramente mais larga no sector central (Figs. 2 e 3), sugerindo que terá resultado de uma função prática da mesma — polimento de algum tipo de artefacto menos duro (de osso ou de madeira, por exemplo). O resto da superfície desta face superior, não preenchida pela canelura diametral, apresenta-se decorado por diversos traços gravados (treze em cada sector), com uma profundidade e uma espessura da ordem do milímetro. Estes dispõem-se entre os bordos da canelura e a periferia da face, sendo, portanto, perpendiculares ou ligeiramente inclinados em relação àquela (Figs. 2 e 3).

A superfície cilíndrica, lateral, apresenta-se com uma decoração metopada, constituída por quatro motivos espinhados verticais, separados por quatro espaços preenchidos apenas por

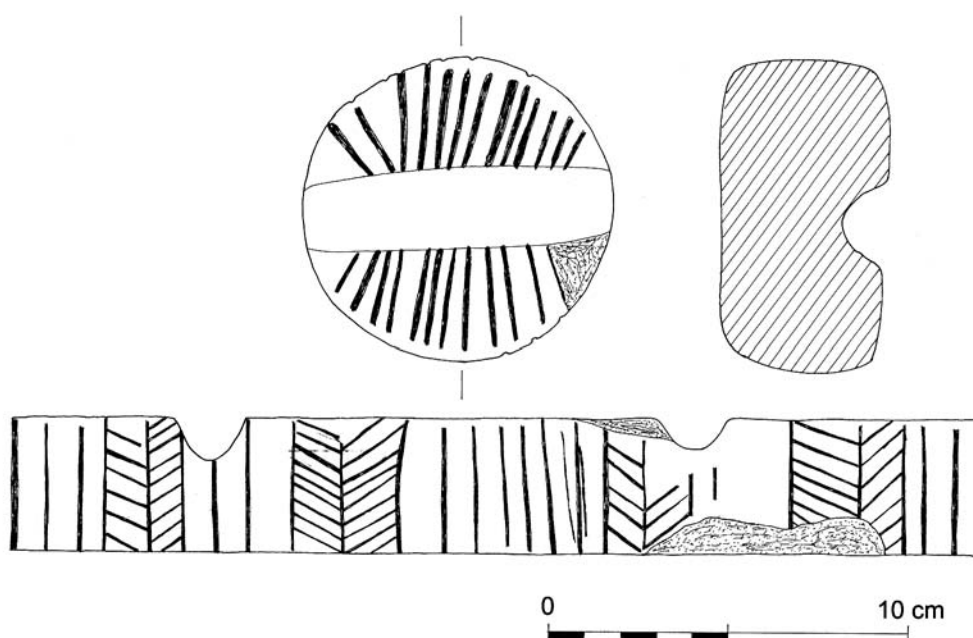


Fig. 2 O ídolo da Serra da Preguiça. A face cilíndrica encontra-se planificada.



Fig. 3 Face superior do ídolo, podendo observar-se a canelura diametral e os sulcos que lhe são secantes.



Fig. 4 Um aspecto da face cilíndrica do ídolo. Podem observar-se dois dos motivos espinhados.



Fig. 5 Outro aspecto da face lateral, tendo como motivo central um dos espinhados.

alguns traços igualmente verticais (Figs. 2, 4 e 5). Os motivos espinhados são de dimensões diferentes e contêm traços (“espinhas”) também em número diferente. De igual modo, os traços verticais nos espaços entre os motivos espinhados são também em número diverso. Apesar de toda esta diversidade, a decoração do artefacto parece bem concebida e de bom valor estético.

Deverá notar-se que todos os traços gravados, quer os da decoração lateral, quer os da face superior, foram realizados pela passagem continuada pela mesma “linha”, correspondente a cada traço, de uma ponta aguçada de um material ligeiramente mais duro – quartzo ou sílex, porventura – do que a rocha de que é feito o artefacto. Note-se que o quartzo é o membro número 7 da escala de dureza de Mohs, enquanto que a dureza das piroxenas e das anfíbolos, constituintes do material de que é feito o artefacto, se encontra, geralmente, entre 5 e 6 (Dana e Hurlbut, 1962). Este riscar da pedra originou que cada sulco (traço) seja formado por uma série de riscos, mais ou menos paralelos, observáveis à vista desarmada (Fig. 6).



Fig. 6 Pormenor ampliado da face lateral. Observa-se que cada sulco (traço) é constituído por uma série de riscos gravados verticais.

3. Integração cronológica e cultural

Paralelos muito próximos para o objecto em causa são os dois artefactos ideotécnicos, provenientes de San Bartolomé de la Torre (Huelva), descritos por Almagro Basch et al. (1975). O primeiro, encontrado em “una sepultura de cúpula”, um “sepulcro tipo «tholos»” é (ver Fig. 7) uma “piedra oval, de color pardo obscuro, sección oval, quebrada en uno de los lados, con una acanaladura en sentido longitudinal. Alrededor de todo el borde hay incisiones en forma de acanaladuras verticales; en la superficie, a ambos lados de la acanaladura y por un lado del reverso, hay letras incisas de carácter ibérico.” (Almagro Basch et al., 1975, p. 108). Quanto ao outro (Fig. 8), “se trata de una piedra esférica de mármol metamórfico y forma ovalada que mide aproximadamente unos 7,5 cm. de largo por 4 cm. de ancho. Está decorada con una acanaladura central existiendo a ambos lados una serie de líneas rectas incisas. Parece responder a la representación de una vulva femenina, tema frecuente en los ciclos agrarios en los que la fecundidad de seres y plantas es parte integrante del complejo de ideas mágico-religiosas.” (Almagro Basch et al., 1975, p. 190). Para este segundo ídolo, desconhece-se o contexto preciso do seu achamento, mas é-lhe atribuída uma cronologia dentro do Calcolítico. O mesmo se diria do primeiro ídolo, dada a sua proveniência, se não se tivessem identificado os traços inscritos como “letras incisas de carácter ibérico”. No entanto, essa identificação parece muito duvidosa e tratar-se-á, antes, de traços gravados sem qualquer valor fonético ou sem qualquer ligação a qualquer tipo de escrita.

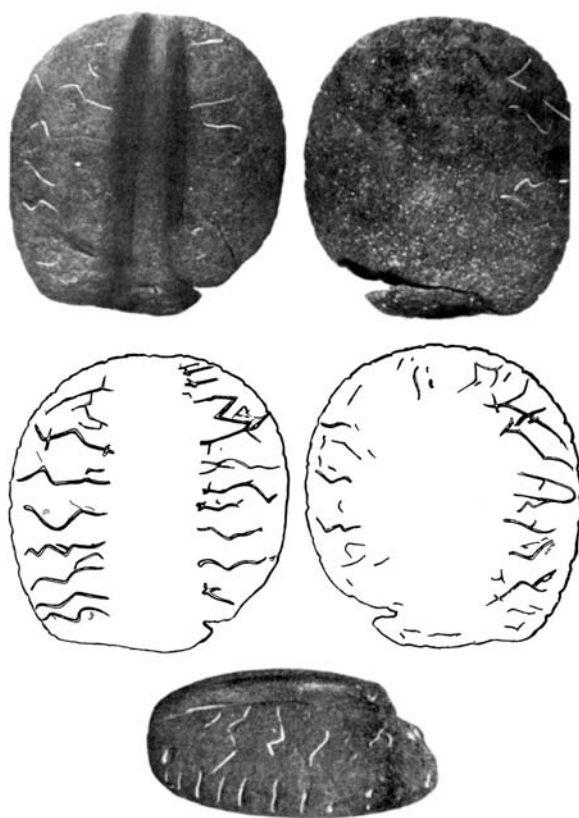


Fig. 7 Vários aspectos do ídolo proveniente do *tholos* de San Bartolomé de la Torre, tendo por base as Estampas 95, 96 e 97 de Almagro Basch et al. (1975).



Fig. 8 O outro ídolo decorado de San Bartolomé de la Torre (segundo Almagro Basch et al., 1975, Lámina 190).

Objectos com uma canelura do tipo da do ídolo da Serra da Preguiça ou destes dois de San Bartolomé de la Torre, mas que constituirão paralelos mais afastados, são *i*) um “pulidor em granito pulimentado, de perfil rectangular (...) en el anverso muestra dos acanaladuras con huellas de uso (...) sección rectangular de lados redondeados, 68x52,5x22,5 mm” proveniente do monumento megalítico de Zafra II, em Valencia de Alcántara (Bueno Ramírez, 1988, p. 98, 99, 108); *ii*) “uma singular peça de calcário de contorno subelíptico, decorada com várias caneluras, paralelas entre si, numa das faces (...) a sua execução num calcário brando confere-lhe natureza decididamente simbólica” proveniente da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) (Carreira e Cardoso, 2001-2002, p. 284, 285 e Fig. 62), a qual tem *iii*) como “paralelo mais próximo (...) um curioso achado avulso, executado em quartzito, densamente decorado com faixas contíguas à canelura, proveniente da Quinta da Foz (Benavente)” (Carreira e Cardoso, 2001-2002, p. 285).

De todos estes artefactos ideotécnicos, o ídolo da Serra da Preguiça distingue-se também pelos motivos espinhados que se encontram gravados na superfície cilíndrica. Motivo semelhante encontra-se gravado no artefacto votivo constituído pelo semicilindro canelado, de calcário, proveniente do hipogeu 1 da Quinta do Anjo (Soares, 2003). Motivos espinhados são, por outro lado, vulgares na decoração das placas de xisto, tão profundamente associadas ao megalitismo alentejano.

Da Serra da Preguiça são conhecidas várias manifestações da Pré-História Recente (Lima, 1988). Próximo do local onde o artefacto foi encontrado, na crista da serra, encontra-se um monumento megalítico, inédito (o monumento do Álamo), já totalmente (?) violado, mas com vários esteios ainda erectos e em que, pelo menos, um deles se apresenta decorado com várias covinhas. No sector norte da Serra da Preguiça, na denominada Serra Alta, existe um povoado do Bronze Final, mas com uma primeira ocupação do Neolítico Final/Calcolítico Inicial (Parreira e Soares, 1980; Soares, 2005). De igual modo, na Serra do Álamo, além da ocupação do Bronze Final, outra terá existido atribuível ao Calcolítico (Soares, 2005). Também, a sul, na Serra de Ficalho foram identificadas ocupações de carácter temporário atribuíveis ao Neolítico Final e ao Calcolítico (Soares, 1994).

4. Conclusões finais

O interessante objecto, encontrado avulso na Serra da Preguiça, com origem muito provável nessa região e com paralelos estreitos na região de San Bartolomé de la Torre (Huelva), deverá ser considerado como um artefacto ideotécnico, embora a canelura diametral que apresenta possa ter desempenhado uma função prática – a de polimento.

Os paralelos conhecidos, quer quanto à forma, quer quanto à decoração, levam a atribuir-lhe uma cronologia dentro do Calcolítico, época bem representada por diversas manifestações de habitat e rituais/funerárias na região de onde o ídolo provém.

Agradecimentos

Agradece-se reconhecidamente ao Senhor Eng. Francisco Manuel Rogado Borges a amabilidade de nos ter disponibilizado o artefacto para estudo e publicação.

Os nossos agradecimentos também ao Luis Monge Soares pelas fotografias do ídolo e pelo tratamento digital das diversas imagens constantes deste trabalho.

NOTAS

¹ Instituto Tecnológico e Nuclear
Estrada Nacional 10
2686-953 Sacavém
amsoares@itn.pt

² Instituto Português de Arqueologia
Av. da Índia, 136
1300-300 Lisboa
f.real@ipa.min-cultura.pt

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO BASCH, M.; AMO DE LA HERA, M.; BELTRÁN MARTÍNEZ, A.; BLANCO FREIJEIRO, A.; CERDÁN MÁRQUEZ, C.; FERNÁNDEZ-MIRANDA FERNÁNDEZ, M.; GARRIDO ROIZ, J. P.; LEISNER, G.; LEISNER, V.; LUZÓN NOGUÉ, J. M.; ORTA, E. M. (1975) - *Huelva: Prehistoria y Antigüedad*. Madrid: Editora Nacional.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1988) - *Los dólmenes de Valencia de Alcántara*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L. (2001-2002) - A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-361.
- DANA, J. D.; HURLBUT, C. (1962) - *Manual de mineralogía*. Barcelona: Editorial Reverté.
- LIMA, J. F. (1988) - *Monografia arqueológica do concelho de Moura*. Moura: Câmara Municipal.
- PARREIRA, R.; SOARES, A. M. M. (1980) - Zu einigen bronzzeitlichen Höhensiedlungen in Südportugal. *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 21, p. 109-130.
- SOARES, A. M. M. (1994) - Descoberta de um povoado do Neolítico junto à Igreja Velha de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho, Serpa). Resultados preliminares. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 41-49.
- SOARES, A. M. M. (2005) - Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 111-145.
- SOARES, J. (2003) - *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital.

